

Semântica diacrônica: germānus → irmão → mano

Danilo Brandão de Lima

Atualmente é estudante, bolsista CAPES, do programa de Pós-Graduação, Mestrado em Neurolinguística da UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas. E-mail: brandd7@gmail.com

Resumo: Este trabalho analisa o processo de transformação diacrônica de *mano* no português paulista, termo que provém de *irmão* e este do latim, *germānus* (CUNHA, 1952), o qual passou por mudanças ortográficas, fonéticas e semânticas ao longo do tempo, promovidas pelo uso corrente da língua. A fim de perceber o atual uso de *mano* em relação a seu sentido inicial (o de irmão) e identificar os impulsos de suas mudanças, rastream-se suas ocorrências em peças de teatro brasileiras, publicadas entre os séculos XVI e XXI. Esta pesquisa se desenvolveu a partir de leituras de Benveniste (1976), (1989), Ataliba Castilho (2014) e das discussões feitas em aula pela Profa. Dra. Sheila Elias de Oliveira, durante a disciplina Seminários Avançados em Léxico e Significação (2014/2).

Palavras-chave: Diacronia. Irmão. Mano. Benveniste.

Abstract: This work analyzes the diachronic transformation process in the word *mano* from paulista Portuguese, a term that came from *irmão* (brother) and this came from the Latin word *germānus* (CUNHA, 1952), which suffered spelling, phonetic and semantic changes over time, changes that have been promoted by the current use of the language. And in order to understand the present use of *mano* in relation to its first sense (brother) and to identify the impulses of their changes, we research their occurrence in brazilian theater, plays published between sixteenth and twenty-first centuries. This work was developed about studies from Benveniste (1976), (1989), Ataliba Castilho (2014) and the discussions made in class by Profª Drª Sheila Elias de Oliveira, during the discipline Seminários Avançados em Léxico e Significação (2014/2).

Keywords: Diachrony. Irmão. Mano. Benveniste.

Ataliba Castilho explica, em *Semântica* 5¹ (2014/2, p. 4), que “a Semântica investiga os sentidos expressos nas línguas naturais, ocupando-se dos processos de sua construção e dos produtos que daí resultam”. Em suas pesquisas, ele apresenta uma visão multissistêmica para análise da língua, multissistêmica porque trata de diacronia, de léxico, de aspectos gramaticais e discursiva/pragmática. E, para este trabalho, é a semântica diacrônica a base priorizada para investigar os sentidos assumidos pela expressão *mano* ao longo do tempo. Sentidos que se constroem por meio de processos enunciativos, uma vez que é pelo

¹ Material divulgado em sala de aula: disciplina Tópicos de Semântica I (2014/2), IEL/UNICAMP.

sujeito e pela enunciação que as línguas se transformam. Como diz Benveniste (1976, p. 2), em seu prefácio, “em compensação, [...], o que se destaca é o papel da significação e da cultura; estudam-se aí [aqui] os métodos da reconstrução semântica, assim como a gênese de alguns termos importantes da cultura moderna”.

Para tanto, formas e contextos em que *mano* aparece foram retirados de peças de teatro, publicadas no Brasil entre os séculos XVI e XXI, as quais foram visitadas *online* na Biblioteca Digital de Peças Teatrais da UFU, Universidade Federal de Uberlândia. E, apesar do grande volume de trabalhos disponível nesse *site*, foram encontrados resultados relacionados ao tema desta pesquisa apenas em: *Esopaida, ou, Vida de Esopo* (1734), de Antonio José da Silva, *Os três médicos* (1844), de Martins Pena, *O demônio familiar* (1857), de José de Alencar, *Sangue Limpo* (1862), de Paulo Eiró, *Professor João* (2008), de José Benedito de Almeida Júnior, e *O mendigo e o magnata* (2008), de Rutinaldo Miranda Batista Júnior.

Além dos usos de *mano*, nessas peças, obtiveram-se “cenários” sociais que possibilitaram olhar as qualidades semânticas desses termos de acordo com tempo e situação específicos. Esse modo de análise mostrou-se produtivo, pois, como diz Benveniste (1976, p. 326), “[...] quando se reduz o sentido às modalidades do emprego, torna-se imperativo assegurarmo-nos de que os empregos permitem não somente aproximar sentidos que parecem diferentes, mas justificar a sua diferença”.

Há que se ressaltar que a ideia base desta pesquisa surgiu a partir da leitura da peça *Sangue Limpo* (1862), de Paulo Eiró, na qual as relações entre as personagens se estruturam pelo emprego formal de *você* e informal de *tu*, regra estabelecida, entre outros aspectos, pelo grau de intimidade entre as personagens, o que lhes permitiam, como se vê nos diálogos entre Rafael e Luiza, irmão e irmã, o uso de expressões mais amistosas. E é assim, carinhosamente, que Luiza chama seu irmão de *mano*, termo que prontamente despertou a curiosidade em avaliar quais seriam as possíveis significações dessa palavra em tempos atuais, visto que *mano*, com outro sentido, é correntemente pronunciado em regiões do estado de São Paulo. Atente-se para o diálogo entre os dois irmãos:

Rafael: Pois bem; fica passeando com o Victorino, em quanto vou comprar alguns doces para ti. Eu logo volto.
Luiza: Procure-nos aqui; sim, **mano**? (EIRÓ, 1862, p. 9, grifo nosso).

Identifica-se, nesse trecho, tal como se percebe em toda peça, que *mano* tem sentido pleno de *irmão*, o que dificilmente acontece nas relações cotidianas das cidades paulistas deste século. Atualmente, esse termo é empregado por muitos jovens e adultos, mas com o intuito único de invocar uns aos outros, isto é, com função, por exemplo, de vocativo, como se verifica em *Mano, chega aí!*, nome de uma música do grupo Z’afrika Brasil. Não se tem aí, nesse título, a ação de alguém que chama carinhosamente por seu irmão, trata-se de pedir a atenção de um *cara*, seu interlocutor.

Como se verá no decorrer deste trabalho, justamente pelas diferentes épocas e situações em que *mano* é empregado, desenvolve-se aqui a hipótese de que tal mudança semântica se deva certamente ao processo de subjetivação da linguagem pelo

homem, que molda as palavras e seus usos de acordo com seus pensamentos e situações que seu meio social lhe apresenta. Para Benveniste (1976, p. 290, grifo nosso),

a instalação da “subjetividade” na linguagem cria na linguagem e, acreditamos, igualmente fora da linguagem, **a categoria da pessoa**. Tem além disso efeitos muito variados sobre a própria estrutura das línguas, quer seja na organização das formas ou nas relações da significação.

Isto é, se *mano* possuía apenas o sentido de *irmão* em contextos de demonstração de afeto², entende-se que, ao ter seu significado “generalizado” nos dias de hoje, uma nova categoria de pessoa surgiu, visto que esta não compartilha mais o conceito de irmão consanguíneo. Nesse sentido, em busca de compreender essa posição de pessoa e as relações e as condições de significados em *mano*, foi bastante elucidativo o viés de análise de Oliveira (2004, p. 1), em que se discutem semanticamente os verbetes cidadania e cidadão. Ela diz:

da perspectiva de uma semântica materialista, que não toma a relação entre a palavra e o seu étimo de forma mecânica, põe-se a questão sobre a relação entre as duas palavras: que conjuntura determina o surgimento de *cidadania* na modernidade? Podemos interrogar esse acontecimento lingüístico de dois modos: procurando compreender, a partir dele, a relação semântica entre *cidadania* e *cidadão*, ou procurando compreender, antes dele, o que significa a condição de cidadão, paráfrase de *cidadania*.

Em vista de tais concepções, decidiu-se pesquisar a respeito do significado de *mano* para as relações dialógicas atuais e não simplesmente comparar os usos entre as épocas. No entanto, vale dizer que a busca por peças de teatro nas quais pudesse haver a presença de *mano*, com o sentido de *irmão*, e de *mano* com função vocativa ou substantiva, que significasse *parceiro*, *cara*, *sujeito* foi de suma importância. Dessa forma, recortando contextos sociais nessas peças, encontraram-se bases para se perguntar, como faz Oliveira (2004): sobre qual conjuntura social se deu o surgimento desse *mano*? É termo que se transforma, torna-se independente de seu sentido primeiro, o de irmão, e passa, então, a ser esse vocativo ou esse substantivo possuidor de outros significados. E essa transformação, marcada por suas formas de enunciação, se explica a partir da teoria de Benveniste, em *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana* (1976, p. 84, grifo nosso), o qual pensa que

[...] a língua é uma estrutura socializada, que a palavra sujeita a fins individuais e intersubjetivos, juntando-he assim **um perfil novo e estritamente pessoal**. [...]. Nesse sentido, as configurações da palavra são cada vez únicas, embora se realizem no interior e por intermédio da linguagem. Há, pois, antinomia no sujeito entre o discurso e a língua.

² Os elementos afetivos são particularmente importantes na significação de palavras que se referem a experiências sobre as quais pesam valores e preconceitos (por exemplo, as diferenças raciais e étnicas, as opiniões políticas, a religião, a estratificação social, as opções sexuais) ou a hábitos e situações que a sociedade estigmatiza. (ILARI, 2004, p. 66).

É justamente essa antinomia, contradição entre princípios ou ideias, no sujeito, entre o discurso e a língua, mencionados por esse autor que nos interessa, pois é à medida que se escutam diálogos e saudações entre as pessoas, seja por meio de produções audiovisuais ou de falas de uma conversação cotidiana, que se revela interessante e esclarecedor como falantes se identificam e se cumprimentam habitualmente. Afinal, parece contraditório usar a expressão *mano* (irmão) para aqueles que não se conhece, no entanto, são os significados, intenções e contextos que se deve buscar para se chegar a um consenso.

No estado de São Paulo, chama atenção o modo como a palavra *mano* se modificou e ganhou outros sentidos, significados diferentes de acordo com o contexto em que é empregada, distanciando-se semanticamente das palavras *germānus* e *irmão*, suas bases iniciais. Em *Cidadania: pré-história de uma palavra* (OLIVEIRA, 2004), sobre a origem de *cidadania*, a autora diz: “A polissemia da condição de cidadão ao longo do *corpus* é a base da mudança lingüística que dá origem à palavra *cidadania*” (p. 1).

Portanto, é essa polissemia de *mano* que nos chama atenção. Ainda que se estude etimologicamente a história de uma palavra, entende-se que seu processo de transformação se dá pelos falantes e o espaço que habitam. A palavra latina *germānus*, por exemplo, conforme o *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa* (CUNHA, 1952, p. 446), tem a seguinte trajetória histórica de escrita e significados:

Irmão sm. 'filho dos mesmos pais ou de um deles apenas' 'membro de confiança' | XIII, ermano, etc. | Do lat. *germānus* || **coirmão** | coirmaão XIII || DesermanAR XVII || germano adj. sm. que procede do mesmo pai e da mesma mãe 'fig. verdadeiro, puro XVI. Do lat. **germānus**, de **germen** -ins, 'descendência, prole' || **irmã** | jrmaa XIII, **irmã** XIII, **irmana** XIII etc. | Do lat. **germāna** || **irmanAÇÃO** XX || **irmanAR** XVIII **irmanDADE** || yrman-dade XIV || **mano** | **mana** femin. 1572 | Talvez do cast. (her)**mano**.

Em vista do que mostra Cunha (1952), percebe-se, então, que a palavra *irmão* é datada do século XIII e *mano* do século XVI, período em que é publicada *Esopaida, ou, Vida de Esopo* (1734), de Antonio José da Silva, que traz o uso de *mano* na fala de suas personagens com o mesmo sentido de *irmão*, como se verá adiante. Já Bueno (1966, p. 2307) diz que a palavra *mano*, desde a época de Gil Vicente (1465-1536), superava o sentido de *irmão*, o que revela versões sobre o passado dessa palavra e sua polissemia:

Mano - s. m. Irmão, pessoa de trato íntimo, **expressão de tratamento que se dava a qualquer pessoa**, como hoje se diz: “Quem sou eu, primo?!” Em Gil Vicente é freqüentíssimo o termo nos diálogos da gente simples. Para muitos, *mano* era o final de *hermano*, *irmão* em espanhol. Mas J. Corominas, citando Claverra, afirma **que é de origem cigana, no sentido de companheiro, sócio, homem** (BUENO, 1966, p. 2307, grifo nosso).

Mano - como visto nos excertos das peças aqui mencionadas e em exemplos de frases do português paulista - ocorre, contemporaneamente, assim como mostra Bueno (1966), como expressão de tratamento usada para qualquer um; porém, pelo que se nota, esse sentido também parece ter sido excedido, já que *mano* é maiormente usado com o objetivo de marcar o início de uma enunciação, simplesmente para chamar a

atenção do interlocutor, como cumprimento ou despedida: “Mano, você viu?”, “E aí, mano?”, “Falou, mano!”. E, em alguns casos, pode-se afirmar que *mano* nada mais é do que um recurso “estilístico” usado por um grupo de jovens para caracterizá-los frente e em meio à sociedade, como assegura Benveniste, em *A língua e a experiência humana*. Segundo ele, na enunciação,

[...] a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Em vista de suas afirmações, sobretudo no que se refere a essa apropriação do sujeito da língua e essa necessidade de se referir pelo discurso ditas por esse autor, que se buscam “falas”, nos excertos a seguir, retirados de peças de teatro, que mostrem como as personagens são marcadas socialmente pelo modo como utilizam a língua, transformando-a e inscrevendo-se assim como sujeitos de um discurso. Espera-se exemplificar as relações sociais do homem frente a diferentes situações, personagens e cenas da sociedade e língua brasileiras. Nessas peças, vê-se que *mano* muda de significação a partir das alterações de quadro social, de suas relações pessoais.

Em *Sangue Limpo* (1862), de Paulo Eiró, Ayres conversa com Luiza, por quem ele está apaixonado:

Ayres: Está enganada; eu estive presente ao desafio. O| contrario de seu **mano** é um velho militar, um| pouco teimoso, mas de excelente coração. Creio| que se contentarão com cruzar as espadas (EIRÓ, 1862, p. 14).

Tal como se vê nessa passagem de *Sangue Limpo* (EIRÓ, 1862) e nas duas peças seguintes, de Martins Pena (1844) e de José de Alencar (1857), há novamente o emprego de *mano* com o sentido total de *irmão*. Por exemplo, em *Os três médicos* (PENA, 1844), as personagens conversam sobre Miguel, irmão de Rosinha:

Miléssimo: Teu **mano** tudo contou-me.
Rosinha: Não desanime ainda!
Miléssimo: Eu temo...
Rosinha: O **mano** Miguel já combinou comigo. (PENA, 1844, p. 18, grifo nosso).

Em *O demônio familiar* (1857), de José de Alencar, Carlotinha chama seu irmão, Eduardo, de *mano*, o que reforça a ideia de afeto e de familiaridade desse termo:

Eduardo: Pedro!... Moleque!... O brejeiro anda passeando, naturalmente!
Pedro!
Carlottinha: (entrando) O que quer, **mano**? Pedro saiu. (ALENCAR, 1857, p. 6, grifo nosso).

Por outro lado, embora Bueno (1966) diga em seu dicionário que Gil Vicente já fazia uso dessa expressão como designadora de qualquer pessoa, em peças de teatro publicadas no Brasil, antes do século XIX, não foi possível encontrar *mano* empregado com outro sentido que não o de irmão, o que, talvez, possa ser uma hipótese de que esse *mano* (sujeito) do português brasileiro contemporâneo tenha sido introduzido por meio de expressões do inglês, que trazem o mesmo sentido, como *brother*, *bro*. Afinal, no Brasil, embora seu uso já fosse comum no século passado, somente em peças do século XXI - isto é, entre as consultadas na Biblioteca Digital de Peças Teatrais da UFU - é que *mano* foi encontrado como portador de outras significações além do sentido de *irmão*, ora com função meramente vocativa, apelativa, ora como substantivo, referindo-se a *sujeito*, *parceiro*, etc., como se identifica a seguir, em *Professor João* (2008), de José Benedito de Almeida Júnior, e em *O mendigo e o magnata* (2008), de Rutinaldo Miranda Batista Júnior. Na primeira, destaca-se um diálogo sobre filosofia entre um aluno e seu professor, relação que atualmente é bastante simétrica e informal:

Pedro: Sou um cantor e compositor de rap, levo consciência aos **manos**.
Professor: Ora, Pedro, não lhe perguntei o que você faz, nem o que você pretende levar aos **manos**, mas quem você é! (ALMEIDA JÚNIOR, 2008, p. 21, grifo nosso).

Já em *O mendigo e o magnata* (2008), as personagens conversam sobre quem descobriu o Brasil:

Bandido 1: (entregando a folha a Severino) Lê aí, **mano**.
Severino: (segurando a folha) Eu queria, mas não posso.
Bandido 2: (ameaçador) E por que não?
Severino: É que eu tô com tanta fome, que ela já subiu pras vistas [...].
(BATISTA JUNIOR, 2008, p. 5, grifo nosso).

Aliás, expressões como essas, marcadas em negrito, podem ser ouvidas em regiões do estado de São Paulo, especialmente em centros urbanos. Esse fato concretiza a ideia de que o uso de *mano*, no início da oração, é aceito por diferentes classes sociais. Seu dizer põe o falante em uma posição de quem está integrado aos costumes de sua cidade, como, por exemplo, em cumprimentos: *E aí, mano, firmeza?*. Situação bastante diferente de *Bolando idéia com os mano na esquina*, da música *Crime Vai e Vem*, de

Racionais Mc's ou de [...] *levo consciência aos manos*, trecho mencionado anteriormente, de *Professor João* (2008, p. 21), de Almeida Júnior.

Essas formas substantivadas, além de apontarem para a presença de um *sujeito*, parecem representar um contexto restrito a uma determinada classe social, mais humilde, quase sempre marginalizada, como se percebe em *O mendigo e o magnata* (2008) de Batista Junior, em que *mano* surge com bastante força expressiva na fala das personagens, as quais, por sinal, são nomeadas de bandidos.

Considerações finais

Em vista dos dados encontrados nas peças aqui mencionadas, referentes aos usos de *mano* ao longo do tempo, e o confronto destes com o percurso histórico das palavras *germānus* e *irmão*, vê-se que *mano*, no português brasileiro, teve ampliados os seus sentidos, deixando de significar apenas *irmão*, à medida que as relações sociais também se transformavam. A sociedade, então, transforma o sujeito e este transforma a língua por seu trabalho de enunciação. Ou, como afirma Benveniste, “há, pois, antinomia no sujeito entre o discurso e a língua” (1976, p. 84). O homem afeta a força motriz de um sistema linguístico, promovendo alterações no léxico da língua. *Mano* deixou de significar apenas *irmão*, em uma sociedade engessada e cheia de dogmas do século XIX, para representar uma pessoa qualquer ou, então, caracterizar como membros de uma comunidade aqueles que utilizam esse termo em seus discursos, tal como discute Benveniste, para quem a língua é resultado de um processo social, em que o sujeito assume, pelas formas da língua, sua identificação, seu pertencimento a um grupo.

Atualmente, o dizer *mano*, muito comum no estado de São Paulo, está associado ao vocabulário de classes mais pobres da sociedade, como destacado em *O mendigo e o magnata* (2008). No entanto, é possível vê-lo na fala de muitos jovens paulistas de diversas classes sociais. Dessa forma, entende-se que a estrutura linguística atinge a estrutura social e, ao que se percebe, desse processo de ressemantização de *mano*, em uma tentativa de transferir o sentido de *irmão* (família) para os membros de um grupo, *mano* pouco a pouco perdeu seu sentido de consideração e se estendeu a outros indivíduos, passando a ter um caráter polissêmico; seus significados e sentidos são reconhecidos a partir de quem o enuncia e do lugar em que é enunciado. “A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso” (BENVENISTE, 1976, p. 288).

Ademais, é importante recuperar o que afirma Benveniste (1976). Ele comenta que a linguagem imita a realidade, esta é reproduzida por meio da linguagem, através daquele que fala, que transmite ao outro, pelo discurso, suas experiências dos acontecimentos que vivencia. O uso da linguagem é de troca e de diálogo, o que proporciona ao momento de discurso duas funções: 1) para o locutor, a tarefa de representar a realidade e 2) para o ouvinte, a de recriá-la.

Por outro lado, nesse processo de recriação de significados em *mano*, quanto a dizer se há nele melhora ou piora semântica, parece uma tarefa difícil, já que chamar seu irmão de *mano*, no estado de São Paulo, pode ser antiquado, bobo. E o tratamento por *mano* (cara), entre desconhecidos, dependendo da ocasião em que se está, pode soar grosseiro ou inapropriado. Desse modo, sua significação depende definitivamente

do espaço e dos falantes que o compõem, tal como se vê na diferença de linguagem dos excertos de peças dos séculos XIX e XXI. No entanto, pode-se dizer que, na atualidade, o sentido de *irmão* em *mano* está bastante apagado.

Por fim, conclui-se que, nesse caso, “está implicado um problema de relação, e é pelas relações que se define uma estrutura semântica” (BENVENISTE, 1976, p. 339). A mudança passa pelos processos de significação e ressignificação da língua em meio à sociedade, marcados pela enunciação e por quem e de onde a enuncia.

Referências

ALENCAR, José de. *O demônio familiar*. Rio de Janeiro: Typographia de Soares & Irmão, 1857.

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito. *Professor João*. 2008. Disponível em: <<http://www.bdteatro.ufu.br/download.php?pid=TT01017>>. Acesso em 02 dez. 2014.

BATISTA JÚNIOR. *O mendigo e o magnata*. 2008. Disponível em: <<http://www.bdteatro.ufu.br/download.php?pid=TT01016>>. Acesso em 02 dez. 2014.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística Geral II*. Campinas: Pontes Editores, 1989.

BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. V. 5. São Paulo: Editora Saraiva, 1966.

CASTILHO, A. T. de. *Semântica 5*. Material entregue em sala de aula. IEL/UNICAMP (2014/2).

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1952.

EIRÓ, Paulo. *Sangue limpo*. São Paulo: Typographia Literária, 1862.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, S. E. Cidadania: Pré-história de uma palavra. *Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*. Universidade Estadual do Centro-oeste do Paraná, 2004.

PENA, Martins. *Os três médicos*. 1844. Disponível em: <<http://www.bdteatro.ufu.br/download.php?pid=TT00183>>. Acesso em : 02 dez. 2014.

RACIONAIS MCS. *Crime vai o crime vem*. Disponível em:
<<http://www.vagalume.com.br/rationais-mcs/crime-vai-o-crime-vem.html>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

Z'AFRICA BRASIL. *Mano chega aí*. Disponível em: <
<http://www.vagalume.com.br/zafrica-brasil/mano-chega-ai.html>> . Acesso em 09 dez. 2014.